Leonor Pereira

Universidade da Madeira
leonor-jbp@hotmail.com

Sara Nunes

Universidade da Madeira
2031918@student.uma.pt

Pinheiro, Joaquim, Samuel Mateus, Mario Franco (coord.). *Pestes e Epidemias: Estudos Interdisciplinares em Humanidades*. V.N. Famalicão: Húmus, 2022. 249 pp. ISBN 978-989-755-754-5

O volume *Pestes e Epidemias: Estudos Interdisciplinares em Humanidades*, sob a coordenação de professores da Universidade da Madeira, é constituído por 16 capítulos, que abordam várias epidemias e os seus efeitos devastadores na sociedade, ao longo de várias épocas. Entre as epidemias que são tomadas como objeto de estudo e análise contam-se, por exemplo, a Peste Bubónica, a Gripe Espanhola, a Varíola e a mais recente Covid-19.

Os dois primeiros ensaios tratam de aspectos relacionados com a Peste Negra. Rui Carlos Fonseca (pp. 13-26) centra-se na descrição desta peste na historiografia bizantina dos séculos XIV e XV, nomeadamente em breves trechos das obras de Nicéforo Grégoras, João Cantacuzeno e Laonico Calcocondilas. A análise destas fontes dá conta da grande capacidade de proliferação da peste, da sua propagação a partir do Oriente e da existência de diversos surtos no Império Bizantino, com especial incidência em Constantinopla, devido à importância enquanto ponto estratégico para o comércio marítimo no Mediterrâneo. André da Silva (pp. 27-47) realiza um trabalho de pesquisa documental sobre a vulgarização do léxico da peste na zona norte de Portugal, que o leva a concluir que novas palavras e expressões ligadas ao surto pandémico passaram a entrar no vocabulário corrente. Silva afirma categoricamente que "A análise da documentação quotidiana produzida no Noroeste português entre 1310 e a primavera de 1348 não deixa margem para dúvidas: não se encontra qualquer utilização da palavra 'peste' ou das suas derivadas, em sentido literal ou metafórico" (p. 31),

mas constata que, a partir dos anos da peste, "as referências tornam-se mais numerosas" (p. 36).

Os três capítulos seguintes desenvolvem estudos de casos particulares sobre doenças e epidemias dos séculos XVI e XVII. Sob um ponto de vista cultural e histórico, enquadrado pelas interpretações de teor religioso que fazem dos surtos epidémicos um castigo divino, Nelson Veríssimo (pp. 49-60) discorre sobre os efeitos da peste que atingiu o Funchal nas primeiras décadas do século XVI, enfatizando a devoção dos funchalenses para com o apóstolo São Tiago, eleito protetor e padroeiro da cidade. Com base no mesmo período – inícios do século XVI –, mas incidindo num local diferente – a cidade de Lisboa –, Edite Martins Alberto e Joana Balsa de Pinho (pp. 61-76) analisam o Regimento da Saúde de D. João III (1526), abordando o processo de prevenção e de mitigação de surtos pestíferos, facilitados pelo grande encontro de culturas que entravam na capital portuguesa através do seu porto marítimo. O desembargador Pedro Vaz, sobre quem existem poucos dados históricos, esteve em Itália durante uma epidemia e registou as medidas de combate à peste aí tomadas – é esse o relatório que constitui o Regimento e que contém as providências implementadas em Lisboa. As duas investigadoras concluem que "O Regimento da Saúde de D. João III […] configura o prestígio de Itália em matéria de saúde pública e também a eficiência do sistema implementado" (p. 73). Gabriel A. F. Silva (pp. 77-89) dá a conhecer o *Tratado da Peste* (1680) de João Curvo Semedo, com o intuito de valorizar a importância desta obra no contexto da chamada 'literatura de peste'. Pretende-se realçar o enquadramento na tradição da literatura médica e, ao mesmo tempo, o seu carácter original.

Dois ensaios versam sobre pestes e epidemias em territórios brasileiros, entre a segunda metade do século XIX e início do século XX. Caroline P. Leal (pp. 91-105) apresenta um estudo sobre a cólera e os festejos carnavalescos em Porto Alegre. Apenas em dois meses, o surto devastou 10 % da população, de modo que a experiência traumática, com o terror espalhado pelas ruas, fez com que os festejos tivessem sido alterados. "Apesar de ter causado um grande impacto na sociedade porto-alegrense, a cólera e a experiência epidêmica não foi capaz de transformar as mentalidades de uma época no que tange

ao festejar", pelo que "novas formas de celebração do carnaval foram propostas" (p. 103). Maria Izilda Santos de Matos e Bruno Bortoloto do Carmo (pp. 108-123) debruçam-se sobre a propagação de surtos epidémicos, como a febre-amarela, a varíola e a peste negra, que, devido a fatores como o crescimento urbano e a falta de condições sanitárias, atingiram o porto de Santos. Foram tantos os surtos, que este porto ficou conhecido como "porto maldito". A quantidade de epidemias conduziu ao incremento da ciência médica, "que norteou as medidas profiláticas de higiene, prevenção do contágio e de tratamentos" (p. 120).

O ensaio de Guida Cândido (pp. 125-137) também se concentra no início do século XX. Mediante a recolha de notícias no periódico *Commarca de Arganil*, a estudiosa investiga os efeitos da Pneumónica de 1918, relacionando o flagelo da Grande Guerra com a instabilidade social, patente na carestia de vida, na carência alimentar e na crise de subsistência em geral. O retrato do flagelo bélico aliado ao do epidémico que afeta todo o território nacional é feito a partir de registos consultados neste periódico local e regional.

O grupo de ensaios seguintes é dedicado ao lugar das pestes e suas diversas manifestações na literatura. Chantal Louchet (pp. 139-153) lança-se a uma reflexão sobre a representação que a literatura francesa dá da peste, a partir da leitura comparada das obras de Albert Camus (*La Peste*, 1947), Marcel Pagnol (*Les Pestiférés*, 1977), Patrick Deville (*Peste et Choléra*, 2012) e Bernard Werber (*Demain les chats*, 2016). A Covid-19 é o ponto de partida para a interrogação sobre o papel que as narrativas da peste desempenham em tempos de pandemia, sendo a literatura um veículo privilegiado para a melhor perceção das dimensões simbólicas da peste, em concreto do seu carácter histórico, religioso e metafísico. O ensaio de Ana Isabel Correia Martins (pp. 156-170) está orientado em torno da problemática da verdade e da autoridade em narrativas ficcionais. Apesar de muitas das narrativas de pestilências serem, ao longo da história, transmitidas por historiadores e por médicos, escritores como Daniel Defoe, com a sua reportagem sob a forma de romance, *Journal of the plague year* (1722), e Gonçalo M. Tavares, com as suas crónicas publicadas no jornal *Expresso* sob o título *Diário da Peste* (2020), oferecem contributos igualmente significativos neste

campo literário. A autora deste ensaio indaga "conceitos de verdade e autenticidade das fontes e dos relatos, problematizando a *auctoritas* do(s) narrador(es) na construção de expectativas e de versões prováveis e credíveis de pestilências" (p. 158). Defoe e Camus, abordados nestes dois últimos capítulos, voltam a ser objeto de análise, a par de outros escritores, como Boccaccio, Poe e João do Rio, no ensaio de Fabiano Dalla Bona e Carolina de Castro Wanderley (pp. 171-178), que apresentam descrições da paisagem pandémica na literatura, seguindo também uma metodologia comparativa. O papel do indivíduo no espaço público e a impossibilidade de convívio social no espaço urbano devido à situação pandémica, como é o caso da Covid-19, são elementos transversais a este estudo.

Os dois capítulos seguintes tratam de fenómenos do contexto social e cultural pandémico, um do ponto de vista semiológico, o outro do ponto de vista museológico. Sara Inês Rodrigues Gaspar, Eduardo José Marcos Camilo e Rafaela Norogrando (pp. 179-194) tomam como objeto de estudo a máscara de pandemia, não só como necessidade de proteção e peça de indumentária, mas também na sua qualidade de signo semiológico. Nesse sentido, com base num sólido enquadramento teórico que convoca Lévi-Strauss, Baudrillard, Barthes e Genette, relaciona-se a máscara de pandemia com os conceitos de *bricolage*, significação e ressignificação, conotação e transtextualidade. Rosa Henriques de Gouveia, Teresa Ferreira, Lina Carvalho e Carlos Robalo Cordeiro (pp. 195-202) salientam a importância que os Museus Históricos, em particular de Anatomia Patológica, têm para o conhecimento mais apurado das 'Bexigas Negras' ou Varíola. Seja por exibirem modelos de cera e espécimes nosológicos humanos, seja por acolherem peças artísticas que testemunham o passado das pestilências, estes "Museus Históricos têm o potencial para contribuir na preparação científica das novas gerações médicas para a ocorrência de eventuais novos surtos epidémicos" (p. 199).

Os três ensaios que encerram o presente volume tocam diretamente a Covid-19 sob perspectivas centradas, primeiro, na adaptação social da nova realidade, depois, nas reações de oposição à pandemia e, por fim, no *ethos* patético promovido por campanhas publicitárias. Estes últimos estudos mostram como a Covid-19 obrigou a mudanças

profundas no modo de pensar e agir das pessoas e no modo de funcionamento de empresas e organizações. Pedro Eduardo Oliveira Ribeiro (pp. 203-217) parte da evidência de que "A pandemia do Coronavírus […] obrigou a uma mudança dos hábitos do quotidiano" (p. 204), para refletir sobre a adaptação à realidade pandémica na ótica da construção social, para a qual contribuem, por um lado, os esforços das empresas no sentido da implementação de medidas preventivas do coronavírus e, por outro lado, o posicionamento dos meios de comunicação social face às exigências impostas pelo novo quotidiano. As estratégias postas em práticas para lidar com a pandemia de SARS-CoV-2 voltam a ser discutidas por Rodrigo Barros Gewehr (pp. 219-235). Neste capítulo, a ênfase é dada às várias atitudes de oposição que as medidas sanitárias suscitam. O autor procura explicar tais reações recorrendo quer a dados históricos, tendo em conta epidemias anteriores, quer a dados fundados na filosofia e na psicologia. Exemplos de padrões sociais desviantes em cenários de grandes calamidades – anarquia ou estado de anomia, clima de insegurança e medo, violência, sentido de desagregação social e paranoia – são correntes ao longo da história e evocados em obras de teóricos de renome. As campanhas publicitárias de agradecimento tiveram uma grande popularidade durante a pandemia do SARS-CoV-2, conforme mostra Samuel Mateus (pp. 237-249). Tal popularidade deveu-se, especialmente, à grande carga de emotividade presente nos anúncios publicitários de muitas marcas. As campanhas mais populares são "aquelas que tiveram um maior índice de emocionalidade e aquelas que tendem a focar-se no agradecimento às comunidades, voluntários, cidadãos, e, sobretudo, profissionais de saúde" (p. 239). Este capítulo consiste, assim, numa análise retórica da publicidade em tempos do SARS-CoV-2, fundada numa reflexão em torno do que este autor chama de *ethos* patético.

O presente volume reúne diversos estudos em torno da mesma problemática, pestes e epidemias que surgiram ao longo dos tempos, da antiguidade à atualidade. A temática do livro foi claramente motivada pelo contexto epidémico recente e envolve diversas áreas das Humanidades, da História à Cultura e à Literatura, da Ciência à Medicina e à Religião, da Publicidade ao Jornalismo e Comunicação, da Semiótica à Museologia, passando, inclusive, pela Bricolagem.

Dada a variedade de imagens reproduzidas neste livro (mais de 20 entre fotografias, gráficos e tabelas), teria sido útil incluir um índice de figuras. Notam-se também lapsos pontuais de redação, que naturalmente não maculam a qualidade científica deste conjunto de ensaios. A título ilustrativo, refiram-se a gralha no nome "Edgar Allan Poel" (p. 175), o erro de pontuação em "A aplicação maciça da mesma, culminou…" (p. 197), os erros de ortografia no vocábulo inglês *millennials* (a palavra surge escrita apenas com um *n* na página 238, depois com um *l* a mais na nota 1, nessa mesma página), e a ausência de aspas para encerrar o texto de Aristóteles citado na página 243.

Vários surtos pandémicos marcaram a história da Humanidade, mas, ainda assim, é possível verificar que as populações continuam a não estar bem preparadas para lidar com eles. Apesar dos grandes desenvolvimentos científicos e dos progressos na área da Medicina, a luta contra o desconhecido é uma incógnita constante. O impacte social das epidemias é variável. Caroline P. Leal informa que o trauma da cólera marcou profundamente os festejos carnavalescos em Porto Alegre, no Brasil, por longos anos, pois o entrudo abolido desde 1855 apenas ressurgiu em 1869 (cf. pp. 101-102). Por sua vez, decorridos apenas dois anos da pandemia Covid-19, a população mundial passou a agir como se a doença tivesse sido erradicada, tendo voltado ao dia a dia normal, celebrando diversos festejos como dantes.